
Dando Voz à Memória: Um Projeto de História Oral na ISCMPA

*Noris Mara Pacheco Martins Leal**

*Marcelo Lima Melnitzk***

A Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre foi fundada no início do século passado, surgiu como uma cópia da Misericórdia de Lisboa, e vinha suprir as necessidades da Província que não possuía um local apropriado para atendimento aos doentes pobres e escravos. Em Porto Alegre existia apenas uma negra, chamada Angela Reiúna, que morava na rua "Pecados Mortaes"(hoje Bento Martins) que atendia principalmente aos marinheiros dando curativos e alimentação.

As primeiras enfermarias do Hospital foram inauguradas em 1826, e serviam para atender principalmente a escravos, pobres e presos, dando não só assistência médica, mas também social. As características da Santa Casa, neste período, fazem lembrar em muito a definição de Hospital existentes até o século XVIII dada por Foucault.

"O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. É alguém que deve ser assistido material e espiritualmente, alguém a quem se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital. Dizia-se correntemente, nesta época, que o hospital era um morredouro, um lugar onde morrer. E o pessoal hospitalar não era fundamentalmente destinado a realizar a cura do doente, mas a conseguir sua própria salvação. Era um pessoal caritativo - religioso ou leigo - que estava no hospital para fazer uma obra de caridade que lhe assegurasse a salvação eterna. (...) Função de transição entre a vida e a morte, de salvação

*Encarregada do Arquivo Administrativo - CEDOP-ISCMPA

**Formado em História UFRGS - Auxiliar de Escritório - CEDOP-ISCMPA

espiritual mais do que material, aliada a função de separação dos indivíduos perigosos para a saúde geral da população. (...) O hospital permanece com essas características até o começo do século XVIII e o Hospital Geral, lugar de internamento, onde se justapõem e se misturam doentes, loucos, devassos, prostitutas, etc..., é ainda, em meados do século XVII, uma espécie de instrumento misto de exclusão, assistência e transformação espiritual, (...) ¹

Além do tratamento aos doentes a Santa Casa ainda se responsabilizava pelo cuidado de alienados, para os quais possuía o Asilo de Alienados, até a fundação do Hospital São Pedro; e expostos, crianças que eram abandonadas na Roda dos Expostos, e ficavam na Casa da Roda, eles eram criados, na própria casa ou por criadeiras, e recebiam a educação básica, as meninas aprendiam as primeiras letras e as lides domésticas, para serem encaminhadas para o casamento, e os meninos eram matriculados no Arsenal de Guerra para aprenderem um ofício.

Para os pobres, a Entidade, sempre esteve presente, mesmo na hora da morte, em 1844 foi criado o primeiro Cemitério Extra-muros, onde os carentes tinham e ainda possuem um lugar no "Campo Santo".

Com o fim da escravidão e o desenvolvimento de uma classe operária o perfil da clientela se transformou, assim como mudou a medicina no Rio Grande do Sul. Como diz Foucault "no século XIX aparece uma medicina que é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas."² Neste período surgiu a primeira Faculdade de Medicina, fundada pelos médicos da Santa Casa a qual utilizou as enfermarias do Hospital Geral para o ensino, fazendo com que a terapêutica predominasse sobre a noção assistencial, sem no entanto esquecê-la. A partir deste momento temos presente como objetivo da Entidade, também

1 FOUCAULT, Michel - *Microfísica do Poder*, 1979, p.101.

2 *Idem*, *ibidem*, p.97

o Ensino e a Pesquisa. A busca constante do aprimoramento levou que o Hospital fosse pioneiro em diversas áreas da medicina.

Com o desenvolvimento acelerado da sociedade capitalista, durante o século XX, e as constantes crises econômicas mundiais que refletiram-se na Casa de Caridade já não era mais possível sobreviver de donativos e rendas, vários provedores em conjunto com a Mesa Administrativa buscaram soluções, anexou-se ao Hospital Geral Hospitais especializados com maior número de leitos pagos, além de outras atitudes, mas nada impediu que a situação piorasse cada vez mais seguindo um reflexo da estrutura a qual estava inserida.

A década de 80 iniciou para a Santa Casa como uma das mais difíceis de sua história, chegando ao ponto de fechar as portas para as pessoas que ali chegavam. Através de um esforço conjunto da comunidade com o governo manteve-se o atendimento e foi escolhida uma comissão denominada de "Comissão de Apoio Técnico", a qual tinha por função reabilitar economicamente a velha Instituição.

Iniciou-se assim um período de transformação em busca do saneamento financeiro e do aprimoramento tecnológico. Tendo como convicção que a busca da trajetória histórica da irmandade era de fundamental importância para resgatar a imagem da Instituição, frente a comunidade em geral, tomou-se a decisão de formar o Centro de Documentação e Pesquisa, o qual seria responsável não só pela anexação do antigo SAME (Serviço de Arquivo Médico e Estatística), mas também pelo salvamento e conservação de toda a documentação administrativa do Hospital desde a sua fundação.

A organização desta documentação era um grande desafio para a equipe que formou o CEDOP, em 1986, eram Arquivistas e Historiadores, que tinham pela frente a organização de uma documentação, que se sabia importante, mas que não se conhecia bem o seu conteúdo. Na Santa Casa, existia desde 1926 o setor de Arquivo, mas seguindo uma tradição brasileira recebia o nome de Arquivo Morto e como tal estava em um porão, mal arejado, úmido, com a presença de insetos e ratos.

Numa primeira avaliação destacou-se, além dos prontuários médicos, os códices (Relatórios da provedoria, desde 1850; Atas da Mesa Administrativa, a partir de 1814; Registros do Cemitério, de 1850; Registros de pacientes; Botica e de Expostos, desde 1838) além de uma rica documentação avulsa com documentos do final do século XVIII e um acervo muito grande de fotografias, desde o início do século.

Para dinamizar o trabalho e melhor atender as necessidades do Hospital e do público interessado o CEDOP foi dividido internamente em:

ASSESSORIA À PESQUISA E BIBLIOTECA - Responsabiliza-se pelas pesquisas realizadas pelo corpo técnico do Complexo Hospitalar e respectivos encaminhamentos aos órgãos financiadores, pela biblioteca médica, destinada a atender a médicos, funcionários e estudantes que possuem interesse na área das ciências médicas.

ARQUIVO MÉDICO - É o setor responsável pela guarda das informações médicas sobre pacientes, internados ou a nível ambulatorial. Contém em seu acervo cerca de 1 milhão e meio de prontuários. São movimentados em média 3.000 prontuários/dia a fim de atender uma demanda de procedimentos médicos e de pesquisas científicas. Sendo a Santa Casa considerada um Hospital Escola este é um setor chave para o funcionamento do mesmo, pois de seus documentos Professores e Alunos das Faculdades de Medicina do Estado, fazem a fonte responsável pelo seu aprimoramento e tornaram a Santa Casa um centro de excelência.

MUSEU - Foi inaugurado em dezembro de 1994 e abriga cerca de 3000 peças de um rico acervo, onde estão presentes peças que datam do início do século passado. São objetos sacros, instrumentos médicos, peças de mobiliário, material da antiga farmácia, entre outros.

Localizado no pátio central da Instituição, é responsável pela organização e realização de exposições temporárias de seu acervo, assim como de fotografias, abertas aos funcionários e a comunidade em geral.

ARQUIVO ADMINISTRATIVO/HISTÓRICO - Este setor especificamente é o responsável pela guarda e conservação da documentação administrativa, fotos e prontuários antigos.

Toda a documentação encontra-se organizada e catalogada segundo normas da arquivística. A partir de uma avaliação prévia da documentação, e do estudo do organograma da Santa Casa, fez-se a organização tendo como base a unidade produtora, de tal modo que fosse respeitado o princípio de proveniência e refletisse a estrutura administrativa e as funções exercidas por quem produziu o documento.

Um fato a ser destacado é que a equipe sempre teve claro de que o nosso trabalho deveria ir além da simples guarda e organização dos documentos ali presentes. Para nós o primordial é destacar para a comunidade interna do Hospital e em geral a História deste que é o berço da medicina no RS, e que seus documentos são fontes para pesquisas diversas na área da saúde e da história social.

Nos registros com 193 anos encontramos o tratamento e as relações com os desvalidos, os escravos, expostos, operários, loucos, anciãos e etc. Através dos relatórios da Provedoria e Atas da Mesa Administrativa temos uma visão clara do pensamento político da classe dirigente da Província e depois Estado do RS a respeito dos menos favorecidos, pois apesar de ser uma entidade privada, na maioria das vezes teve como dirigentes, provedores ou membros da Mesa Administrativa os "grandes" nomes da política estadual (Visconde de São Leopoldo, Duque de Caxias, José Montaurym Protásio Alves, etc.).

Sendo assim procuramos desenvolver um trabalho de conscientização interno de que todos os funcionários que trabalharam na Casa ou ainda trabalham são agentes históricos e que por isto devem conhecê-la e nos ajudar a preservá-la. Para tanto procuramos sempre escrever artigos, no Santa Casa Notícias, jornal de circulação interna, sobre o acervo e sobre a Santa Casa. Foram organizadas inúmeras exposições fotográficas sobre os diferentes setores da Casa. Também trabalhamos internamente, com os

próprios funcionários do CEDOP, com palestras e discussões sobre preservação e conservação do acervo.

Das atividades rotineiras de um arquivo, hoje 10 anos passados, a equipe de trabalho já conseguiu superar a primeira etapa, e está começando a criar instrumentos de busca para facilitar o manuseio tanto para uso interno, como para pesquisadores. Vários inventários das diferentes seções em que estão divididas a documentação já encontravam-se prontos.

Na tentativa de facilitar a pesquisa organizamos e publicamos em 1994 um guia de fontes sobre Negros Cativos e Livres na Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, o qual foi resultado de um grande esforço conjunto que começou em 1988.

Outro guia de fontes que encontra-se pronto, apenas esperando a publicação, é o da documentação da Roda dos Expostos, um rico acervo que nos mostra a vida desta Instituição que permaneceu dentro da Santa Casa por 103 anos.

A História da Santa Casa não está registrada apenas em documentos escritos, também possuímos um rico acervo fotográfico, a contar a partir do início do século, com um montante de 5000 fotos, aproximadamente, sendo que em torno de 50% já se encontram catalogadas, por assunto. Ali podemos encontrar o registro dos diferentes setores da Casa, suas atividades e pessoas que por ali passaram.

Salientamos por último uma das atividades de maior volume prestada pelo CEDOP, para a comunidade em geral, que é a confecção de declarações, onde prestamos informações sobre:

Período de trabalho na Santa Casa, principalmente para médicos residentes;

Nascimentos, a Maternidade Mário Totta foi a primeira maternidade do Rio Grande do Sul, atendendo mães de diferentes camadas sociais, prioritariamente as de baixa renda, levando em conta este fato o seu volume de atendimento é muito grande;

Registros de óbitos desde 1850, e atestado de óbito desde 1919, este é um material muito procurado por pesquisadores que fazem genealogia e pessoas em busca da dupla cidadania, é um material aberto aos pesquisadores, no qual eles mesmos fazem a pesquisa.

Até este momento procurei dar uma idéia rápida do acervo que possuímos na Santa Casa e da proposta de trabalho que temos em relação a ele. A seguir colocarei, de forma mais detalhada o nosso projeto de História Oral.

Projeto de História Oral

Tendo em vista que a nossa função é mais do que organizar documentos. Estamos, neste momento, realizando um projeto de História Oral a fim de fornarmos um acervo que permita para nós e para outros pesquisadores termos mais uma fonte de pesquisa, além das escritas.

Quando a equipe de trabalho do CEDOP começou a entrar em contato com os funcionários da Casa para que eles ajudassem na identificação de fotos e peças, se deu conta de que estas pessoas tinham muito a dizer, a sua memória necessitava apenas de um estímulo para que aflorassem os fatos ligados a sua vida dentro da Santa Casa.

Lembrando o que nos diz Paul Thompson "a História Oral é a democratização da própria história e a vitalidade de uma história que devolve as pessoas seu próprio passado com suas próprias palavras reafirmando-lhe um protagonismo que haviam perdido em benefício de uns poucos."³

Estamos dando voz a todas aquelas pessoas que participaram da construção da História da Casa e não tinham tido condições de registrar suas memórias.

O que é História Oral? Esta é uma discussão que muito tem se desenvolvido no ambiente acadêmico. É uma técnica, uma metodologia ou

3

in: GARRIDO, Joan del Alcazarí - As Fontes Oraís na Pesquisa Histórica: Uma Contribuição ao Debate - Revista Brasileira de História - V.13, n° 25/26, p.36.

uma disciplina? Segundo William Roger "A chamada história oral não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para utilização do gravador em pesquisa e para posterior conservação das fitas. A história oral não possui os fundamentos filosóficos da teoria, nem os procedimentos que (...) qualificados como metodológicos. Ela é fruto do cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano.⁴"

Quanto os que acreditam que é uma disciplina defendem que: "a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto, por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo do conhecimento.⁵"

Já os que a defendem como metodologia, e a minha tendência é me encaixar neste grupo, dizem que como "todas as metodologias apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como ponte entre teoria e prática.⁶"

Para mim esta é uma nova metodologia que nos possibilita estudar temas que até então não eram levantados pelos pesquisadores. Ela é nova no Brasil, pois na Europa já logo após a segunda guerra mundial começou a ser feito o seu uso, "Depois de 1945 tudo começa a mudar, como resultado dos processos sociais e intelectuais ligados à Segunda Guerra Mundial, especialmente porque, tanto na Europa como na Ásia ou África, grupos nacionais ou classes sociais sem (ou com escassa) história escrita se estruturaram com o poder ou ganharam posições de poder⁷", como ex-

4 in: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes - Usos e Abusos da História Oral, 1996,

5 p.13. Idem, ibidem, p.13.

6 p.13. Idem, ibidem, p.13.

7 GARRIDO, obra citada, p.35

plica Garrido. No Rio Grande do Sul, mais precisamente, começamos a notar um aceleração do seu uso a partir do meio da década de 80. Ainda hoje é vista como um certo medo por alguns historiadores e até mesmo com ojeriza pelos mais tradicionais que acreditam que as fontes por ela produzidas não possuem o valor do documento escrito.

Na verdade podemos ligar o seu uso e o seu desenvolvimento ao aumento da produção de novos enfoques históricos, principalmente a História do Cotidiano, onde as fontes orais parecem mostrar muito da sua pertinência. Recuperar, trazer à tona as intrincadas relações da vida cotidiana revela-se tarefa viável para os pesquisadores que lançam mão da metodologia da História Oral.

Os arquivos tradicionalmente constituíram-se em espaços voltados a guarda e conservação de documentos escritos, registros da história oficial, de acontecimentos, muitas vezes, não cotidianos. No entanto, a esfera de atuação humana delimitada pelo cotidiano, onde os sujeitos passam grande parte de seu tempo, espaço de reinterpretção, de resistência, de alienação, e como afirma Le Goff "um dos lugares privilegiados das lutas sociais"⁸, ainda não lhe foi conferido o devido lugar.

De que maneira então contemplar esta esfera de atuação humana nos acervos dos arquivos históricos? A resposta a esta pergunta acreditamos estar na mudança de postura dos arquivos, ou melhor dos seus profissionais, que deixam de ser somente arranjadores/conservadores da documentação e passam a produtores de novas fontes, abrindo espaço para verdadeiros acervos orais.

O nosso projeto tem como linha mestra a criação de um acervo sobre a história da Santa Casa, estamos criando um "Arquivo da Palavra", onde o tema é o Hospital. Existem hoje entre os Arquivos que trabalham com História Oral duas linhas, segundo classificação de Garrido: os que possuem acervos resultantes da coleta das entrevistas realizadas por outros pesquisadores, que após usarem estas fontes interessam-se que outras

peças tenham acesso a elas, e levando isto em conta fazem uma doação a determinada Instituição; e aqueles que usam as fontes orais como uma série documental a mais. Este último, é o nosso caso, Gonzales Quintana diz "que esta é uma tentativa descabida, pois ele coloca que coletar testemunhos de interesse de todos os usuários potenciais obrigaria que se entrevistasse toda a população"⁹, mas isto tem se mostrado nem sempre verdadeiro, principalmente dentro do nosso caso, em que possuímos um arquivo sobre um assunto específico, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre ao longo de seus 193 anos. A nossa pretensão é produzirmos fontes que possam dar conta da cotidianidade do Hospital, as relações de trabalho, o convívio social, as relações de poder, as facilidades, dificuldades, momentos bons, crises enfim a vida dentro de um Hospital, ela não serve para complementar as fontes documentais escritas, pode existir entre elas uma relação dialética, ou o domínio de uma sobre a outra, em muitos casos os depoimentos que colhemos se mostram de maior eficiência que os documentos escritos, pois ela traz estruturas de compreensão diferentes, os silêncios podem ser muito reveladores, quando por exemplo falamos de determinado assunto polêmico. Para tanto produzimos um roteiro prévio que desse conta destas questões ou pelo menos propiciasse que chegássemos a elas.

Em nosso roteiro colocamos indagações de como foi a vida da pessoa no hospital, como era seu local de trabalho, sua relação com a administração, como ele viu as diferentes crises financeiras que o hospital passou e outros momentos importantes, a relação com as Irmãs de Caridade, condições de trabalho e higiene e etc. Este não é um roteiro fechado, podendo modificar dependendo do entrevistado, alguns não precisam fazer tantas perguntas, possuem facilidade em falar, em colocar as suas idéias. Sempre procuramos deixar o entrevistado a vontade, interferimos no caso da pessoa desviar do assunto, ou quando é muito lacônico nas respostas, mas mesmo assim esta interferência é mínima, o entrevistado necessita se sentir livre para dar sua opinião sobre determinado fato

histórico, com as suas palavras e o seu jeito ele irá dar a sua visão sobre o que aconteceu.

Os nossos entrevistados são todas aquelas pessoas que trabalharam ou trabalham na Santa Casa, sejam elas funcionários, médicos, irmãs de caridade ou membro da Irmandade. Estamos hoje com uma listagem de mais de 100 pessoas para serem entrevistadas. São pessoas que já se aposentaram ou estão com mais de 30 anos de serviço prestados a Casa. Por que iniciamos pelas pessoas mais antigas? A escolha esta diretamente ligada a sua idade, e a sua vivência na Instituição.

Este projeto, apesar de ser uma idéia antiga, teve o desenvolvimento de suas atividades de uma forma contínua a partir de março deste ano. Até o momento o número de entrevistas é pouco expressivo, por ser esta uma atividade muito lenta, tendo em vista que necessitamos organizar os nossos horários de acordo com a vontade e a disponibilidade dos entrevistados: estamos decoupendo as fitas logo após a realização de cada entrevista, tarefa esta que pode levar até uma semana dependendo do tamanho da mesma; e o projeto de história oral é mais uma tarefa além das cotidianas do nosso arquivo, não existe uma equipe especial, ela é realizada por apenas dois funcionários, os quais são responsáveis pela gravação e decoupação das fitas.

As entrevistas serão mantidas no suporte de áudio e estão sendo decoupidas para facilitar a pesquisa, sendo que o próximo passo, antes de abrirmos este material para a consulta, é duplicarmos o original, para que os pesquisadores que sentirem necessidade de trabalharem com a própria gravação possam tê-las à disposição sem prejuízo do acervo, assim como esta servirá como cópia de trabalho para o pessoal do arquivo. Podemos dizer que este passo é tão importante quanto fazer as entrevistas, não adianta formarmos um acervo sem darmos condições para o pesquisador utilizá-lo.

Ainda estamos pesquisando qual a melhor forma de catalogar, que se encaixe ao nosso acervo, para tanto pretendemos visitar outros acervos que já estão constituídos como o do Instituto Cultural Marc Chagall, e o

do Laboratório de História Oral da UFRGS. Além de nos preocuparmos com o acondicionamento das fitas que necessitam ser mantidas a uma temperatura ambiente de 18°C e um índice de umidade de 45°C.

Gostaria de ressaltar porque este projeto é tão importante para nós. Um dos fatores é que assim deixamos de ser guardadores de informação, pois, além desta tarefa que é muito importante, agora nós estamos produzindo a fonte de informação. E, outro, como diz Danièle Voldman, "o Historiador, (e aqui podemos colocar os profissionais que trabalham em arquivo, sejam eles historiógrafos ou arquivistas), pode aceitar ou recusar uma tarefa inédita: colaborar, por meio da entrevista histórica, na transformação do objeto em sujeito. Pois, estabelecendo o diálogo e deixando um pouco de lado suas curiosidades imediatas, o historiador pode contribuir para favorecer ou acelerar a evolução do seu interlocutor, que pode passar da afirmação de sua obscuridade e de sua insignificância ("nada tenho de interessante para dizer") à construção de seu próprio relato."¹⁰

Por fim desejo, ainda, salientar que a constituição de um projeto de História Oral está totalmente vinculado a nossa preocupação maior que é a de preservar o acervo centenário da Santa Casa, o qual é de extrema importância por sermos o único Hospital no Rio Grande do Sul que possui um Arquivo Administrativo/Histórico organizado e aberto ao público. Além de trabalharmos com os funcionários da Casa, estamos nos colocando na tarefa de difundir à outras Instituições de Saúde a nossa experiência.

Como exemplo disto, neste ano estamos chamando tanto as Instituições ligadas a área da Saúde como todas aquelas ligadas à Cultura para discutirmos este tema no 1º Seminário de Conservação de Bens Culturais na Área da Saúde", onde estarão presentes assuntos como: Arquivo Médico, Arquivo Histórico, Acervo Fotográfico, Museu, Arquitetura, Memória Oral e outros... este é o primeiro passo para mostrar aos outros Hospitais a importância de valorizarem o material por eles produzidos, que é necessá-

10

in: AMADO, obra citada, p.41

do tirar dos porões e de baixo das escadas aquilo que se considera como arquivo morto ou peças para o descarte, e que vejam como foi salientado na revista "Isto É" nº 1393, de 12 de junho de 1996, na matéria "No túnel do tempo" que "o passado é a mais nova arma para aumentar a eficiência", ali é salientado o caso de uma empresa de papel e celulose, que investiu milhões de dólares na criação de um Centro de Memória. A área da saúde com certeza não possui os milhões, mas o pouco que investir trará retorno, até mesmo econômico. Como diz uma das acionistas desta empresa, Suzana Pastermack, "criamos uma nova cultura empresarial e para isso o resgate de valores passados é fundamental".